

MASCULINIDADES HEGEMÔNICAS E VIOLÊNCIA CONTRA MULHERES NAS MÍDIAS: CRÍTICAS AO MOVIMENTO REDPILL

HEGEMONIC MASCULINITIES AND VIOLENCE AGAINST WOMEN IN THE MEDIA: CRITICISM OF THE REDPILL MOVEMENT

Matheus Ferreira de Morais ¹

Maylla Monnik Rodrigues de Sousa Chaveiro ²

Resumo: O presente artigo tem como objetivo criticar as masculinidades hegemônicas e problematizar os discursos misóginos produzidos e disseminados pelo grupo RedPill, por meio do livro *Pílulas da Realidade* e do Instagram @thiagoschutzoficial, autor do livro. Trata-se de uma pesquisa interdisciplinar de caráter qualitativo e exploratório em que serão apresentadas críticas a estes espaços de disseminação de violência contra as mulheres. Para a coleta de dados, foram utilizadas duas metodologias: 1) a análise temática como técnica para a leitura do livro; e 2) a netnografia para a busca dos dados do Instagram. As análises dos dados foram realizadas a partir do campo dos estudos feministas, relações de gênero e masculinidades, bem como da ferramenta teórico-metodológica da interseccionalidade. Os resultados da pesquisa apontaram que o grupo tem diversas práticas misóginas com o intuito de colocar as mulheres em posição de inferioridade e submissão; demonstrando assim sua relação com formas de masculinidade hegemônica.

Palavras-chave: Masculinidades Hegemônicas. Misoginia. Violência contra Mulheres. Mídias. RedPill.

Abstract: This article aims to criticize hegemonic masculinities and problematize the misogynistic discourses produced and disseminated by the RedPill group, through the book *"Pílulas da Realidade"* and the Instagram @thiagoschutzoficial, author of the book. This is an interdisciplinary research of a qualitative and exploratory nature in which criticisms of these spaces for the dissemination of violence against women will be presented. For data collection, two methodologies were used: 1) thematic analysis as a technique for reading the book; and 2) netnography to search for Instagram data. Data analyzes were carried out from the field of feminist studies, gender relations and masculinities, as well as the theoretical-methodological tool of intersectionality. The research results showed that the group has several misogynistic practices with the aim of placing women in a position of inferiority and submission; thus demonstrating its relationship with forms of hegemonic masculinity.

Keywords: Hegemonic Masculinities. Misogyny. Violence Against Women. Media. RedPill.

¹ Graduando em Psicologia pela Faculdade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM), Uberaba, Minas Gerais, Brasil. Lattes: <https://lattes.cnpq.br/7192293102933058>. ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-5021-3854>. E-mail: mathfmorais@gmail.com

² Doutora pelo Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Mestre e Graduada em Psicologia da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Psicóloga Clínica e Supervisora. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0617185690120819>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7581-105X>. E-mail: maylla.chaveiro@gmail.com

Introdução

O presente artigo tem como objetivo criticar as masculinidades hegemônicas e problematizar os discursos misóginos produzidos e disseminados pelo grupo *RedPill*, por meio do livro “Pílulas da Realidade” e do *Instagram* @thiagoschutzoficial, autor do livro. Trata-se de uma pesquisa interdisciplinar de caráter qualitativo e exploratório em que serão apresentadas críticas a estes espaços de disseminação de violência contra as mulheres. Para a coleta de dados, foram utilizadas duas metodologias: 1) a análise temática como técnica para a leitura do livro; e 2) a netnografia para a busca dos dados do *Instagram*. As análises dos dados foram realizadas a partir do campo dos estudos feministas, relações de gênero e masculinidades, bem como da ferramenta teórico-metodológica da interseccionalidade.

Sobre a primeira metodologia citada, a Análise Temática, segundo Virginia Braun e Victoria Clarke (2006) é um método para identificar, analisar e encontrar padrões (temas) dentro dos dados analisados. Além disso, segundo as autoras, uma das formas possíveis de conduzir esse método é através de uma perspectiva contextualista, permitindo que seja teorizado pelo autor os significados e motivações por trás dos dados analisados, desde que haja um bom embasamento teórico (Braun; Clarke, 2006).

Para a análise temática, o foco principal é encontrar temas. Nesse sentido, segundo Virginia Braun e Victoria Clarke (2006, p.10): “um tema capta algo importante sobre os dados em relação à pergunta de pesquisa, e representa algum nível de padrão de significado dentro dos dados escolhidos”. Além disso, um tema não necessariamente é criado baseado na quantidade de vezes que ele aparece nos textos; o mais importante é que ele represente quais assuntos importantes aparecem e se repetem mais frequentemente ao longo dos dados. Para encontrar esses padrões, é necessário primeiro separar os códigos, os quais, para a análise temática, são partes do material (palavras, frases, parágrafos, etc) que são importantes para alcançar a compreensão dos textos, e com isso, responder à pergunta de pesquisa. Nesse sentido, os códigos escolhidos foram aqueles que respondem à pergunta “quais são os principais discursos proferidos pelo grupo *RedPill* no Brasil sobre as mulheres?”.

Dessa forma, a presente pesquisa foi realizada com base em seis etapas: 1) Inicialmente foi realizada a escolha e a leitura do maior livro representante do movimento *RedPill* no Brasil; 2) em seguida foi realizada uma releitura e separação dos códigos iniciais (palavras, frases, parágrafos, etc); 3) após observar os códigos como um todo, os assuntos foram selecionados com base no critério dos que mais se repetiam ao longo do texto, gerando os temas; 4) os temas foram revistos, assim como os códigos que os sustentavam, a fim de estabelecer quais os temas precisariam ser agrupados, divididos ou excluídos; 5) foi feita a revisão da etapa anterior, separando os temas definitivos, além de uma análise em profundidade sobre seus significados e relações entre si; e, por fim 6) foi escrito um relatório descrevendo os temas, seus significados e relações, assim como possíveis interpretações para eles, utilizando, como fundamentação teórica, os estudos feministas, as relações de gênero e masculinidades.

Outrossim, em relação à segunda metodologia utilizada; a pesquisa netnográfica é uma técnica de pesquisa que adapta os métodos da etnografia tradicional para estudar comunidades *online* e interações virtuais. Ela envolve a observação e análise de discussões, comportamentos e cultura em espaços da internet, como *Instagram*, *Facebook*, *blogs*, entre outros ambientes virtuais. A netnografia tem buscado compreender as dinâmicas sociais, as normas, os valores e as práticas de grupos *online*, oferecendo *insights* valiosos para pesquisadoras da área das ciências humanas interessadas nas interações humanas na era digital (Soares, Stengel, 2021). Sobre netnografia, temos o seguinte:

[...] a validade da etnografia na contemporaneidade na observação de manifestações de formas da cibercultura, merece um aprofundamento que leve em conta a possibilidade de olhar o objeto, de aproximar-se dele de modo virtual, online e netnográfico, mas também, quando existir a chance, de modo presencial (Rocha; Montardo, 2005, p. 19-20).

Nesse sentido, para o presente artigo, também realizamos uma pesquisa netnográfica do *Instagram* @thiagoschutz, que é gerenciado pelo autor do livro “Pílulas de Realidade”. Isso foi feito com o intuito de entender mais a fundo como funciona a disseminação do conteúdo *RedPill* na internet, mais especificamente na plataforma *Instagram*. Não obstante, também se tinha o objetivo de entender como os temas abordados pelo grupo se diferenciavam ou se aproximavam dependendo do meio de disseminação (livro e plataforma *online*).

Em relação a como o grupo se propaga, seu principal meio é a internet. Nesse sentido, com o surgimento do espaço virtual, alguns teóricos acreditaram que esse seria um espaço de expansão das liberdades individuais, onde as desigualdades perderiam força e a disseminação de ideias seria algo mais democrático, não dependendo mais da permissão e interesse da elite para serem disseminadas (Lawson, 2018). De certa forma, essa ideia não estava errada, pois o feminismo tem se valido de uma dinâmica reticular formada pelas plataformas de comunicação digital - *blogs*, redes sociais, vídeos, para difundir e promover suas pautas e reivindicações (Martinez, 2019).

Entretanto, percebeu-se que a internet, apesar de dar voz a grupos historicamente subalternizados e oprimidos, também possibilitou a continuidade e até o aumento de discursos excludentes, racistas, xenofóbicos, entre outros que estão ligados a manutenção de violências e desigualdades (Lawson, 2018). Nesse sentido, há uma relação entre o crescimento dos feminismos e, como oposição, o crescimento de grupos machistas, em especial o de masculinidades hegemônicas, que muitas vezes utilizam do alcance do mundo *online* para tentar deslegitimar o movimento feminista como um todo, utilizando de discursos de ódio, ameaças, distorção de informações, etc (Vallerga; Zurbriggen, 2021).

Nossas análises também envolveram uma leitura interseccional dos discursos do grupo *RedPill*. A interseccionalidade é considerada uma ferramenta teórico-metodológica capaz de acessar a complexidade da subjetividade humana (Chaveiro, 2023). Este conceito foi cunhado no ano de 1989 pela jurista estadunidense Kimberlé Crenshaw (1989). Nesse sentido, entende-se que interseccionalidade é o cruzamento entre os sistemas de opressões que possibilitam processos de subjetivação que atravessam as pessoas em determinado tempo histórico. Segundo a autora:

A interseccionalidade é uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras. Além disso, a interseccionalidade trata da forma como ações e políticas específicas geram opressões que fluem ao longo de tais eixos, constituindo aspectos dinâmicos ou ativos do desempoderamento (Crenshaw, 2002, p.177).

Dessa forma, o conceito de interseccionalidade também se mostra muito útil para a análise de masculinidades hegemônicas, bem como para o fortalecimento do combate às violências contra as mulheres.

Masculinidades hegemônicas e a *manosphere*

O conceito de Masculinidade hegemônica remete a “uma maneira correta de como os homens devem pensar e viver” (Connell; Messerschmidt, 2013). Nesse sentido, apesar de ser conhecido que existem maneiras diferentes e fluídas do que significa ser homem, variando dependendo do momento histórico, cultura, religião, etc, a masculinidade hegemônica engloba uma ideia fixa do que é uma masculinidade “verdadeira” (característica central ao conceito de masculinidade hegemônica), além de ter um caráter hierárquico que subjugava outras formas de masculinidade. Não obstante, isso implica também a subordinação de outros grupos, como os femininos. Segundo Connell e Messerschmidt (2013, p.265): “o gênero é sempre relacional, e os padrões de masculinidade são socialmente definidos em oposição a algum modelo (quer real ou

imaginário) da feminilidade”.

Dito isso, é importante ressaltar três pontos. Primeiro, que a masculinidade hegemônica se desenvolve a partir da relação com as outras formas de masculinidades. Segundo, que apesar de existirem várias masculinidades, elas frequentemente se entrelaçam e se modificam, criando novas (hegemônicas ou não). Apesar disso, as masculinidades hegemônicas não perdem suas características principais, que envolvem serem centralizadoras, hierárquicas e buscarem deslegitimar outros grupos. Terceiro, que os homens não necessariamente seguem esse padrão de como devem ser, agir e pensar o tempo todo, mas adotam essas posturas em certos contextos ou momentos de sua vida. Dessa forma, mesmo que existam padrões de masculinidades hegemônicas retratados em livros, filmes, séries, entre outros, esses personagens são vistos como modelos por muitos homens, mas não são incorporados em sua totalidade na vida real (Connell; Messerschmidt, 2013).

Sendo assim, a masculinidade hegemônica não se assumiu normal em um sentido estatístico; apenas uma minoria dos homens talvez a adote em quase todos os contextos. Mas certamente ela é normativa. “Ela incorpora a forma mais honrada de ser um homem, ela exige que todos os outros homens se posicionem em relação a ela e legitima ideologicamente a subordinação global das mulheres aos homens” (Connell; Messerschmidt, 2013).

A autora Scott (1995), tendo como referência as perspectivas de Nathalie Davis, aponta o seguinte:

Penso que deveríamos nos interessar pela história tanto dos homens como das mulheres, e que não deveríamos tratar somente do sexo sujeitado, assim como um historiador de classe não pode fixar seu olhar apenas sobre os camponeses. Nosso objetivo é compreender a importância dos sexos, isto é, dos grupos de gênero no passado histórico. Nosso objetivo é descobrir o leque de papéis e de simbolismos sexuais nas diferentes sociedades e períodos, é encontrar qual era o seu sentido e como eles funcionavam para manter a ordem social ou para mudá-la (Scott, 1995, p.72 *apud* Davis, 1995).

Dito isso, é importante ressaltar que essas formas de masculinidade são modificadas ao longo do tempo, assim como as maneiras na qual se disseminam ou se comunicam entre si. Nesse sentido, na pós-modernidade, com o advento da globalização e da internet, as masculinidades hegemônicas passaram, em grande parte, a se comunicarem através da “*manosphere*” ou “*machosfera*” (como é traduzido literalmente para o português), que pode ser definida como um conjunto de plataformas (*sites, blogs, fóruns, etc*) onde esse diálogo entre formas de masculinidade hegemônica se estabelece (Ging, 2019). Dessa forma, esse espaço digital pode ser considerado heterogêneo por possuir diversos grupos com interesses, motivações e crenças diferentes. Entretanto, muitas vezes, tais grupos adotam posturas parecidas, relacionadas à necessidade de “desenvolvimento” dos homens, a perda de status masculino na sociedade atual, idealização do passado, papéis de gênero, entre outros (Vallerga; Zurbruggen, 2022; Bujalka, Rich & Bender, 2022).

Não obstante, essa plataforma é utilizada por influenciadores masculinos, que criam teorias alarmantes sobre como a pós-modernidade está contra os homens, se aproveitando do medo causado por eles mesmos, para venderem soluções e, com isso, ganharem influência, poder financeiro e outros benefícios. Além disso, muitas vezes esses grupos não se mantêm apenas *online*, pois há, ocasionalmente, eventos realizados presencialmente (Bujalka, Rich, Bender, 2022). Dentre esses grupos, existem aqueles que se identificam com a ideologia *RedPill*.

Grupo *RedPill*: livros e Instagram

O grupo *RedPill* é composto por indivíduos que possuem uma série de crenças sobre quais são os “reais” papéis do homem e da mulher, assim como funciona, “de verdade”, as relações entre gêneros. Nesse sentido, indivíduos deste grupo acreditam que “tomaram a *RedPill*”, o que possibilitou a abertura de seus olhos para a realidade de que, segundo eles, a sociedade matriarcal

atual, em conjunto com o feminismo, tenta esconder dos homens. Esse termo surgiu do filme *Matrix*, onde o protagonista vive em uma ilusão, até o momento em que lhe é oferecida a oportunidade de tomar duas pílulas; a pílula azul, que o manteria na ilusão, ou a pílula vermelha, que revelaria para ele como o mundo funciona e o que tentaram esconder dele durante a vida toda. Dito isso, para esse grupo, eles acordaram, enquanto os homens “*bluepill*” seguem sendo manipulados pelo feminismo, no sentido de viverem de forma a continuarem sendo subjugados pelas mulheres (Ging, 2019). Não obstante, o grupo *RedPill* ensina táticas de sedução, baseando-se em estratégias que visam manter o controle deles sobre as mulheres, reforçando hierarquias de gênero estereotipadas e encorajando os homens a manipular as mulheres para neutralizar o feminismo, ao qual se refere como a “estratégia sexual” das mulheres” (Ging, 2019; Van Valkenburgh, 2021). Esse grupo, assim como diversos outros que se encaixam nos critérios que definem a masculinidade hegemônica, se desenvolveram ou aumentaram seu alcance graças ao advento da internet, mais especificamente, nos fóruns online (*sites* onde pessoas se juntam para debater interesses comuns). Nesse caso, o grande pivô inicial para o surgimento do *RedPill* foi o *reddit*, uma rede social gratuita dividida entre diversas comunidades, utilizada em diversos países diferentes, onde as pessoas se juntam para comentar tópicos que os interessem (Cousineau, 2020).

Foi nessa plataforma que o grupo *RedPill* se desenvolveu inicialmente, sendo que, por ser permeado constantemente por opiniões misóginas, machistas, incentivar assédio, entre outras influências perigosas para o convívio social saudável, tiveram o alcance de seus conteúdos limitado pela plataforma. Isso significa que comunidades *RedPill* não são mais indicadas ou visualizadas pelos usuários da plataforma de forma indireta, ou seja, apenas aqueles já inscritos ou os que procuram diretamente pelas comunidades podem encontrá-las (Cousineau, 2020). Mesmo assim, a comunidade principal desse grupo já tem 1.7 milhões de inscritos, além de que, atualmente, estão presentes em diversas outras plataformas como *Instagram*, *twitter*, *discord*, etc (Fabbri; Karandikar, 2023).

Além de estarem presentes nessas diversas plataformas para disseminarem suas ideias misóginas, eles também utilizam de outros artifícios, como ministrar cursos, palestras e escrever livros. Dito isso, em relação a esse último citado (os livros), um dos maiores nomes no Brasil é o *Pílulas de Realidade*, que já têm dois volumes e, o primeiro deles, está na segunda edição revisada. O livro foi publicado em 2022 pela Wireplex Editora, tem 216 páginas, e foi escrito por Thiago Schutz., um dos mais influentes disseminadores do grupo *RedPill* no país.

A parte inicial da sinopse, escrita na contracapa do livro, afirma o seguinte: “A maioria dos homens foi alimentada com mentiras sobre como a sociedade funciona de fato. O resultado disso tudo são homens com péssimos resultados com as mulheres e com a vida em geral.” Nesse sentido, o livro foca em tentar mostrar aos homens como a sociedade realmente funciona no quesito relação entre gêneros, ao mesmo tempo em que “ensina” como os mesmos devem se comportar. Além disso, também determinam quais comportamentos femininos são aceitáveis, quais são inaceitáveis como identificar uma “mulher de valor”.

Após a leitura do livro *Pílulas de Realidade* (2022) por meio da utilização do método da Análise Temática, foram encontrados seis temas, corroborados por trechos que caracterizam o pensamento do grupo *RedPill* no Brasil, os quais serão problematizados e criticados neste artigo. Esses temas foram: 1) a sociedade é ginocêntrica; 2) homens que se mostrarem vulneráveis ou “inferiores” serão desprezados e abandonados; 3) As mulheres são hipergâmicas; 4) O valor da mulher na sociedade depende da sua capacidade de atrair/satisfazer os homens; e 5) o feminismo corrompeu as mulheres.

Dessa forma, para melhor visualização, foram separadas na tabela abaixo os principais temas e citações (retiradas diretamente do livro) que exemplificam qual o discurso *RedPill*.

Tabela 1. principais temas e trechos encontrados no livro *Pílulas de Realidade*

Principais temas encontrados	Exemplos de trechos do livro <i>Pílulas de Realidade</i>
1)A sociedade é ginocêntrica	“A sociedade valoriza o feminino acima do masculino, mas sempre haverá a narrativa de que os homens são mais privilegiados, de que ganham mais do que as mulheres, de que são mais protegidos, que são violentos e abusadores” (p.17).
2)As mulheres são hipergâmicas	“Mulheres amam a superioridade. As operárias desejam o dono da empresa, as pacientes desejam o médico, as alunas desejam o professor e as fãs desejam o artista. Quanto maior a distância, maior será o desejo” (p.27).
3)Homens que se mostrarem vulneráveis ou “inferiores” serão desprezados e abandonados.	“Se ela sentir piedade de você, era uma vez a atração. Ela pode parecer e fingir que tem algum tipo de piedade, mas as mulheres foram programadas e condicionadas a se preocuparem sempre com elas primeiro. Esse é um dos motivos pelo qual a mulher literalmente se cansa daquele cara que está na pior, quebrado, inteiro fodido e reclamando. Piedade e atração não conseguem existir ao mesmo tempo. São sentimentos antagônicos e, na presença de um, o outro se anula” (p.107).
4)O valor da mulher na sociedade depende da sua capacidade de atrair/satisfazer os homens	“A mulher encontra felicidade no serviço que presta ao homem, e o homem encontra felicidade no serviço que presta à sociedade” (p.81).
5)O feminismo corrompeu as mulheres	“O feminismo ensina as mulheres a não se respeitarem e até odiarem os homens. Elas se colocam como vítimas o tempo todo, não assumem responsabilidades, defendem o aborto e julgam a masculinidade como tóxica, por exemplo” (p.88).

Fonte: Elaboração própria (2024).

A partir dessa tabela é possível entender as principais perspectivas de mundo que guiam as práticas dos homens *Red Pill*, assim como ver diretamente como expressam suas opiniões sobre as mulheres. Todo o discurso é direcionado para ensinar os homens qual a “verdadeira natureza feminina”, através da tentativa de demonstrar os comportamentos das mulheres, dando a entender que, em geral, as mulheres são iguais. Não obstante, o grupo tenta definir quais comportamentos são aceitáveis para as mulheres e quais não são, de forma a exaltar aquelas que seguem o padrão que eles buscam. Além disso, tentam deslegitimar aquelas que não seguem tais padrões, assim como manipulá-las para que moldem seus comportamentos “não aceitáveis” e se encaixem no modelo esperado.

Sobre as principais perspectivas/temas encontrados no livro, a primeira delas é: 1) “a sociedade atual é ginocêntrica”. Segundo o grupo *Red Pill*, atualmente existe uma falsa narrativa de que as mulheres são oprimidas. Eles acreditam que, na verdade, as mulheres são muito beneficiadas. Isso é demonstrado no “fato” de que, de acordo com o grupo, elas ganham mais que os homens, têm facilidade de ascensão financeira e possuem diversos benefícios sociais. Não obstante, acreditam que a sociedade tenta explorar os homens, tirando a liberdade deles, enquanto incentiva a liberdade da mulher, além de buscar fazer com que o trabalho deles seja convertido em benefícios para o sexo feminino.

Sobre esse primeiro tema, é necessário entender aqui, o quanto essa ideia de privilégio feminino está distante do que é demonstrado na realidade. Isso pode ser visto, por exemplo, ao se observar os dados sobre a situação das mulheres nos dias atuais; dados que não só são acessíveis, mas amplamente divulgados. De acordo com a 10ª edição da Pesquisa Nacional de Violência contra a Mulher, em 2023, 68% das mulheres conheciam uma amiga, familiar ou conhecida que havia

sofrido violência doméstica ou familiar; sendo que 89% sofreram violência física, 86% psicológica e 82% moral. Além disso, das vítimas de violências, 73% não denunciavam a agressão por medo do agressor e 61% não denunciavam pois acreditavam que os agressores não seriam punidos (Data Senado, 2023).

Dito isso, no quesito *online*, a situação também é preocupante. Em 2017, 21% das mulheres entre 18 e 29 anos relataram terem sido vítimas de assédio *online*. Não obstante, em 2014, uma a cada dez mulheres reportaram sofrerem assédio *online* desde os 15 anos. Esses assédios aparecem em forma de mensagens ofensivas, sexuais e xingamentos baseados no gênero (Pewresearch, 2017; Amnesty, 2017 apud Ging, 2018). Nesse sentido, fica claro ao se observar dados recentes, que o lugar da mulher na sociedade não é o de privilégio, mas sim de oprimida. Assim, Saffioti (2015) destaca que:

Desta maneira, cada mulher colocará o limite em que um ponto distinto do continuum entre agressão e direito dos homens sobre as mulheres. Mais do que isto, a mera existência desta tenuidade representa a violência. Com efeito, paira sobre a cabeça de todas as mulheres a ameaça de agressões masculinas, funcionando isto como mecanismo de sujeição aos homens, inscrito nas relações de gênero (Saffioti, 2015, p. 80).

Outrossim, o tema 2) “mulheres são hipergâmicas”, diz sobre a relação do sexo feminino com símbolos de superioridade. Para eles, é uma verdade imutável, natural e científica de que as mulheres são hipergâmicas; isso significa que elas estão sempre buscando homens “superiores” (a outros homens e as mulheres) no sentido econômico, social e biológico (por exemplo, homens mais altos e homens mais fortes). É com esse argumento que o grupo *RedPill* tenta explicar uma série de questões, como a traição feminina, as escolhas de parceiros e até a desigualdade de salários entre homens e mulheres na sociedade.

Em relação a esse último ponto, eles argumentam que os homens, por precisarem estar no topo para alcançarem a atenção feminina, no geral se esforçam mais para conseguirem carreiras de sucesso, o que é um dos grandes fatores que leva a desigualdade econômica entre homens e mulheres. Ainda nesse sentido, o grupo *RedPill* traz outros argumentos “biológicos” como o fato de que, pelo homem ter mais testosterona, ele se sente mais motivado para se arriscar no mundo do trabalho e vencer desafios, facilitando que ele alcance cargos de maior remuneração e prestígio. Assim, fica perceptível aqui como que a culpa das problemáticas é sempre colocada na natureza da mulher e, quando as mulheres tentam reivindicar seus direitos como conseguir liberdade sob o próprio corpo, remuneração justa, crescer no mundo público, entre outros, isso gera tensões no grupo, que usa do ambiente *online* para tentar diminuir as mulheres e retornarem elas ao lugar anterior (de submissão). Esse tipo de prática também se relaciona diretamente com o conceito de masculinidade hegemônica, uma vez que “um dado padrão de masculinidade é hegemônico enquanto fornece uma solução a essas tensões, tendendo a estabilizar o poder patriarcal ou reconstituí-lo em novas condições” (Connell; Messerschmidt, 2013, p 273)

Tal perspectiva se relaciona diretamente com o tema 3) “Homens que se mostrarem vulneráveis ou “inferiores” serão desprezados e abandonados”. Os indivíduos do grupo *RedPill* acreditam que essas características (as determinações biológicas, especialmente a hipergamia) são tão fortes nas mulheres, que homens que não se mostram superiores em diversos níveis serão descartados, humilhados e/ou trocados. Assim, é comum dizerem que um homem jamais pode ganhar menos que a sua mulher:

Adiante, falaremos mais sobre dinheiro, mas é mandatório que o homem descubra maneiras de ganhar mais do que a mulher. Este é um dos motivos para que você possa suprimir a hipergamia feminina e continuar sendo respeitado pelas mulheres. Muitos homens sem grana são obrigados a comer o pão que o diabo amassou porque é ela quem banca as contas da casa. Isso é realmente patético (Pílulas de Realidade, 2022, p.42).

Além disso, para eles, nunca se deve permitir que uma mulher “lidere” o relacionamento (posição de superioridade), pois se isso acontecer, a hipergamia natural da mulher vai fazê-la se desinteressar por ele e buscar outro parceiro. Assim, percebe-se que para os indivíduos do grupo, a hipergamia feminina é atemporal e imutável, por isso é necessário que os homens heterossexuais se adéquem a isso e, para conseguirem ter acesso a relações sexuais e afetivas, se mantenham em posição de superioridade o tempo todo - pelo menos essa é a estória que contam para si mesmos.

Entretanto, olhando de uma perspectiva crítica tanto do tema 2) “as mulheres são hipergâmicas”; quanto o tema 3) “Homens que se mostrarem vulneráveis ou “inferiores” serão desprezados e abandonados”; essa ideia de que as mulheres buscam homens “superiores” e que por isso os homens devem se manter em posições mais elevadas é, na verdade, parte de uma prática estratégica que remonta desde a antiguidade, cujo objetivo é o de manter a dominação masculina sob a feminina. Segundo Muraro (2015), quando os seres humanos deixaram de ser nômades e passaram a viver principalmente da agricultura, iniciou-se um processo de desenvolvimento de agrupamentos, o que levou a criação dos primeiros Estados e impérios. Nesse momento, a sociedade deixou totalmente de ser governada pelos princípios masculinos e femininos, passando a ser governada apenas pelo primeiro; ou seja, se tornou uma sociedade patriarcal. Nesse contexto, os homens passaram a controlar a sexualidade da mulher, uma vez que mais filhos significavam mais mão de obra e guerreiros. Dessa forma, para as mulheres:

Perde qualquer capacidade de decisão no domínio público, que se torna inteiramente reservado ao homem. A dicotomia entre o privado e o público estabelece, então, a origem da dependência econômica da mulher, e esta dependência, por sua vez, gera, no decorrer das gerações, uma submissão psicológica que dura até hoje (Muraru, 2015, p.40).

Dessa forma, confirma-se que a prática do grupo *RedPill*, apesar de acontecer na pós-modernidade, é apenas uma tentativa de alguns homens utilizarem os recursos atuais (a internet) como maneira de tentar manter/recuperar o controle sobre o feminino. Assim sendo, se torna inaceitável, para eles, a ideia de uma mulher ganhar mais que o homem em um relacionamento, pois isso significa, a possibilidade de perda de submissão psicológica do sexo feminino. Dessa maneira, os indivíduos desse grupo utilizam do ambiente *online* para disseminar a misoginia, pois o ódio a mulher pode ser considerado uma forma prática de tentar manter o sexo feminino em condição de inferioridade (Ging; Siapera 2019).

O próximo tema apresentado na tabela, que também é muito recorrente no pensamento do grupo *RedPill* é: 4) O valor da mulher na sociedade depende da sua capacidade de atrair/satisfazer os homens. Para o grupo *RedPill*, existe algo chamado VMS (valor sexual de mercado), que, segundo o livro *Pílulas de Realidade* (2022) é: “o valor de um determinado indivíduo no mercado sexual” (p.29), ou, dito de outra forma, o quão atraente aquela pessoa é perante a sociedade. Segundo esse grupo, para os homens esse valor depende de diversos fatores como aparência, personalidade, status social e financeiro, etc. Entretanto, o valor das mulheres é determinado exclusivamente pela aparência e capacidade de satisfazer o desejo dos homens: “A posição do homem na sociedade determina o valor sexual dele. Citando novamente o livro analisado *Pílulas de Realidade* (2022): “o valor sexual da mulher determina a posição dela na sociedade” (p.29). Dessa forma, mulheres jovens (entre, aproximadamente, 18 e 23 anos), estão no auge de seu valor, enquanto a partir de 30 anos, esse valor vai decaindo; pelo contrário, quanto mais velhos os homens, mais valor eles adquirem.

Nesse sentido, tendo em vista que o grupo determina o local de uma mulher na sociedade de acordo com a sua atratividade, no sentido de que, quanto mais atraente e capaz de satisfazer os desejos sexuais masculinos, mais a mulher é considerada de valor; é possível perceber claramente uma relação de objetificação do sexo feminino. Isso porque a objetificação sexual é a prática de tratar um ser humano como uma possível fonte de prazer sexual, ignorando sua identidade, sentimentos e outras características que a fazem um ser humano (Heldman, 2012). O grupo *RedPill*, ao fazer isso, novamente demonstra a prática de tentar colocar as mulheres em um lugar inferior, submisso, sem desejos e sentimentos.

Por fim, dentre os temas principais, o último encontrado foi: 5) o feminismo corrompeu as mulheres. Para o grupo *RedPill*, o feminismo é responsável por atentar contra a família, contra

os papéis naturais de gênero e contra os costumes que mantêm a sociedade funcionando. Não obstante, o feminismo corrompe as mulheres, tirando-as de sua dignidade, que se encontra servindo seu papel de mulher tradicional (aquela “feita para casar”, obediente, dona de casa, que se dedica exclusivamente a cuidar dos filhos e servir ao marido).

Nesse sentido, ao olhar o tema 5) de forma mais analítica e crítica, e após ter sido demonstrado as práticas violentas do grupo *RedPill* como difamação, xingamentos, ameaças, assédio, etc contra a mulher (principalmente *online*) e os objetivos dessas práticas (manter as mulheres submissas), entende-se com mais clareza os porquês da repulsa ao feminismo. Isso porque “como forma de combater e enfrentar tal fenômeno, o movimento feminista teve um importante papel no combate à violência contra as mulheres, contribuindo para o surgimento e implementação de políticas públicas que garantam a prevenção, apoio e proteção às vítimas” (de Jesus; Sobral, p.197, 2017). Ainda nesse sentido, segundo Silvia Federici (2023):

As feministas colocaram em evidência e denunciaram as estratégias e a violência por meio das quais os sistemas de exploração, centrados nos homens, tentaram disciplinar e apropriar-se do corpo feminino, destacando que os corpos das mulheres constituíram os principais objetivos — lugares privilegiados — para a implementação das técnicas de poder e das relações de poder (Federici, 2023, p 32).

Dessa maneira, a deslegitimação do movimento feminista é uma das principais estratégias que o grupo utiliza como tentativa de recuperar o controle que vem sendo perdido ao longo das últimas décadas.

Assim sendo, a masculinidade - definida como “uma configuração de práticas organizadas em relação à estrutura de relações de gênero” (Connell; Messerschmidt, p 259, 2013) - do grupo *RedPill* tenta, em conjunto com feminilidades subordinadas, inviabilizar quaisquer ações ou movimentos que visam conquistar a liberdade das mulheres.

Tendo sido feita uma análise crítica dos temas encontrados, nesta pesquisa também desenvolvemos uma pesquisa netnográfica, focada no *Instagram* de Thiago Schutz, um dos maiores influenciadores *RedPill* do Brasil e escritor do livro *Pílulas de Realidade*. O influenciador tem 345 mil seguidores e 765 publicações em seu *Instagram*. Ele se descreve como escritor especialista em desenvolvimento masculino, autor de 4 livros e palestrante, com mais de 15 mil leitores e alunos. Seus serviços são: ministrar cursos e dar mentorias. Não obstante, em seu segundo post fixado, ele clama conseguir ajudar os homens nos seguintes âmbitos: ajudar a superar a ex namorada ou esposa, ter opções sexuais, não ser o cara bonzinho, parar de se sentir perdido, consertar o próprio relacionamento, aumentar o valor masculino, fazer ela (a mulher) ter respeito e admiração e superar a dependência emocional. Outrossim, também possui 21 destaques de stories (agrupamento de stories salvos baseados em temas específicos que não desaparecem depois de 24 horas), sendo:

- 10 deles mostrando depoimentos pessoas que compraram seus livros;
- 1 sobre maneiras na qual ele pode ajudar os homens;
- 4 sobre eventos, sendo 3 presenciais (turnê de divulgação do livro e “Ted Homem” e “Nitro 10x”) e 1 online (Elite Masculina) no qual ele ministra aulas online sobre como ser um “homem de valor” e “lidar com as mulheres”;
- 2 de perguntas e respostas salvas, onde ele responde perguntas como “o que os homens acham de mulheres independentes que não precisam deles para nada” e “como a *RedPill* entende, percebe e se posiciona quando há sexo no primeiro encontro”;
- 2 explicando sobre terminologias do movimento; 1 contando sobre experiências próprias e o que aprendeu; e, por fim, 1 sobre trechos gravados de podcast.

As postagens do influenciador alternam entre vídeos respondendo dúvidas que seus seguidores têm sobre as mulheres, e dicas de como um homem deve agir. Dito isso, uma de suas postagens com mais visualizações, que chegou a um milhão de views, se trata de um “esclarecimento” sobre ter sido tornado réu do crime de ameaça e violência psicológica direcionado a Livia La Gatto, atriz que fez um vídeo paródia de um dos conteúdos do influenciador. Segundo o portal de notícias G1, o influenciador, após ver uma paródia de seu conteúdo, a ameaçou dizendo: “você tem 24

horas para tirar seu conteúdo sobre mim. Depois disso, processo ou bala. Você escolhe” (G1 São Paulo, 2023).

Isto posto, ao analisar os temas encontrados no livro e os encontrados no *Instagram* do autor, conclui-se que a disseminação dos conteúdos *RedPill* é feita de forma mais aprofundada e radical no manuscrito *Pílulas de Realidade*, uma vez que lá existe mais espaço para descrição das ideias e há uma certa proteção contra as leis que vão contra o discurso de ódio. Entretanto, os mesmos temas encontrados no livro são tratados no *Instagram*, mesmo que de formas mais brandas.

Assim, conclui-se que o *Instagram* é utilizado como principal fonte de divulgação, sendo como uma vitrine que leva a outros serviços, geralmente pagos e privados, do influenciador.

Reflexões sobre as práticas do movimento *RedPill*

Ao observar as práticas do grupo *RedPill* fica nítido a relação direta do grupo com a masculinidade hegemônica. Sendo assim, é possível entender melhor seus meios de ação, uma vez que as masculinidades hegemônicas podem ser vistas como uma configuração de práticas de um grupo específico que tem como objetivo manter-se no topo da hierarquia social, subordinando e deslegitimando outras formas de masculinidades e feminilidades. Sendo assim, é característico dessas formas de masculinidade um movimento opositivo a outras formas de agir, de maneira a sempre buscar a manutenção do próprio poder (Connell; Messerschmidt, 2013). Nesse sentido:

A ambivalência em direção aos projetos de mudança por parte das mulheres é comumente outro foco de tensão, levando a oscilações da aceitação e rejeição da igualdade de gênero por esses homens. Qualquer estratégia de manutenção do poder é mais comumente envolvida na desumanização de outros grupos e num correspondente definhamento da empatia e do envolvimento emocional subjetivo (Connell; Messerschmidt, p.31, 2013).

Percebe-se também que todo o discurso do grupo está voltado a como homens e mulheres devem se comportar, sendo que as mulheres devem ser submissas, inferiores financeiramente, socialmente, fisicamente (no sentido de altura e força) e aceitarem que “a realidade é assim”. Assim, baseada nesse discurso, o movimento *RedPill* fomentam práticas que levam os homens a buscarem ativamente serem dominantes e superiores (nos sentidos citados) pois se isso acontecer, segundo eles, a sociedade estará em equilíbrio e as pessoas poderão voltar a ser felizes. Tal pensamento se mostra de acordo com a ótica de Connell e Messerschmidt (2013) sobre masculinidades hegemônicas:

Muitos desses movimentos apresentam uma reivindicação de serem a maneira correta de como os homens devem pensar e viver. Não importando a diversidade empírica das masculinidades, a contestação pela hegemonia implica que a hierarquia de gênero não possui nichos múltiplos no topo (Connell; Messerschmidt, p.22, 2013).

Apesar de existir a possibilidade de uma masculinidade hegemônica “positiva”, no sentido de que o objetivo do conjunto de práticas seja, por exemplo, ser um bom marido, respeitar as mulheres, busca por igualdade de gênero, oposição a grupos violentos, etc, essa possibilidade ainda é utópica (Collier, 1998 apud Connell; Messerschmidt, 2013). Isso porque, segundo o que tem sido mostrado ao longo da história (fato que se confirma novamente aqui, com o grupo estudado), as masculinidades hegemônicas, apesar de não ser diretamente sinônimo de algo ruim, estão frequentemente ligadas a práticas violentas, racistas, homofóbicas e misóginas (Levant, 2011).

Essas práticas atingem diretamente as mulheres ao propagar diversos tipos de violências. Um exemplo disso, pode ser visto em uma pesquisa de Fabbri e Karandikar (2023) cujo objetivo foi especificamente entender, através de entrevistas com mulheres que já se relacionaram com homens auto denominados *RedPill*, como essa ideologia influencia o relacionamento. Sobre isso,

a pesquisa concluiu que mulheres que se envolveram romanticamente com pessoas desse grupo passaram por diversos episódios onde seus parceiros tentavam controlá-las, humilhá-las, fazê-las sentirem culpa por terem pensamentos livres, entre outras situações misóginas e machistas. As situações de controle e busca de gerar o sentimento de culpa nas parceiras era tão grande, que uma das mulheres relatou ter dito que em um momento só queria arrancar toda a pele dela, para apagar qualquer rastro de que ela já tenha sido tocada por outro homem, e assim o parceiro parou de humilhar ela por já ter saído com outros homens (Fabbri; Karandikar, p.13, 2023). Não obstante, uma outra participante disse ter ouvido de seu parceiro que todas as mulheres eram ruins e traidoras, sendo que, apesar de acreditar existir um pequeno grupo de mulheres moralmente “razoáveis”, nenhuma era realmente boa (Fabbri; Karandikar, p. 10, 2023).

Dessa forma, por essas mulheres terem vivido diretamente o efeito das práticas *RedPill* nelas mesmas e nos homens, as participantes tiveram consequências negativas, tanto a curto prazo (quando elas estavam nos relacionamentos), quanto a longo prazo (mesmo após meses ou anos tendo terminado com os antigos parceiros. Nesse sentido, a curto prazo elas revelam medo intenso, sentimentos de culpa, problemas de aceitação de si mesmas, enquanto a longo prazo, relatam terem desenvolvido desconfiança muito alta em relação aos homens no geral e, mesmo aquelas que já conseguiram se abrir de novo para um relacionamento, tem dificuldades em criar vínculos pois tem medo que a situação se repita (Fabbri; Karandikar, 2023).

Para além da violência dentro de relacionamentos, as práticas do movimento *RedPill* que, como foi observado, são claramente misóginas, abarcam diferentes esferas da sociedade. Um outro exemplo disso se dá em relação aos ataques machistas que diversas jornalistas sofrem, especialmente no mundo online. No Brasil, pelo menos 84% das mulheres nessa profissão relatam já terem sofrido insultos verbais, ameaças de morte, tentativa de danos a reputação, etc (Abraji, 2020).

Não obstante, há uma constante tentativa de descrédito do trabalho das jornalistas, tentativas claras de invalidar tudo que possam produzir. Isso faz com que o ambiente público se torne aversivo e até perigoso para elas, o que as vezes leva a descrença no efeito emancipador do próprio trabalho e, em alguns casos, até desistência, como aconteceu com algumas jornalistas do O Globo, que suspenderam suas coberturas físicas em certos locais por falta de segurança, ou abandonaram certos assuntos, como algumas questões envolvendo política (Mello, 2020 como citado em Ramos, 2020). Dessa maneira, as práticas misóginas online ou não, podem afastar as mulheres de locais extremamente importantes para construção da sociedade, como no caso citado das jornalistas, que trabalham ativamente na formação da opinião pública e desenvolvimento de narrativas (Ramos, 2020). Sem elas, o discurso estaria no controle apenas de homens com interesses específicos, o que poderia ser danoso para a liberdade das mulheres.

Dito isso, é possível também generalizar o efeito dessas práticas para todas as áreas que envolvem a participação das mulheres. Isso porque, como foi observado, se as práticas do grupo *RedPill* são machistas e misóginas, e isso leva ao silenciamento, controle, humilhação e culpabilização da mulher, em qualquer lugar onde existir tais práticas as mulheres não vão estar seguras ou confortáveis para exporem suas opiniões e administrarem suas lutas, o que invariavelmente pode levá-las a perderem voz, liberdade e aumentar as chances de controle desses grupos, influenciando assim a manutenção de estrutura de poder desiguais e perpetuação de violência contra as mulheres.

Resistências: um ponto crucial na luta contra a hegemonia

Apesar da crescente de grupos masculinos hegemônicos como o grupo *RedPill* e outros grupos antifeministas, especialmente no ambiente online, há também um desenvolvimento de resistências, que tem se mostrado muito maiores e mais fortes do que os movimentos machistas. Isso pode ser visto através do *ciberativismo* feminista, um modo de ativismo digital, que encontra formas de protestar, denunciar, lutar pelos próprios direitos utilizando os espaços de comunicação na internet. Sobre o ativismo digital:

O ativismo digital tem ampla capacidade de agregação, convocação de massas, atuação nas ruas e possui um caráter

complementar ao ativismo presencial. E mais que isso, permite congrega diversas frentes de luta ao mesmo tempo, numa transversalidade de interesses e pautas, propiciando a conectividade de uma rede de agendas (Deslandes, 2018, p. 3134).

De forma mais específica, podemos exemplificar aqui o movimento #Elenão, utilizado em 2018 como reação contrária ao, na época candidato, Jair Messias Bolsonaro. O movimento, mesmo tendo sido iniciado por uma única página do *Facebook* chamada “*Mulheres Unidas Contra o Bolsonaro*”, alcançou diversas outras plataformas como o *Instagram* e *Twitter*, sendo também utilizada, não só pelas feministas, mas por diversos outros grupos minoritários, e se tornando assim uma das maiores manifestações de mulheres da história do Brasil (BBC NEWS, 2018; Simone Campos Paulino; Sílvia Campos Paulino, 2019).

Outrossim, o universo *online* no Brasil ainda possui diversas outras páginas a favor das mulheres, pessoas da comunidade LGBTQIAP+, negras, entre outras minorias, sendo alguns exemplos as seguintes páginas no *Instagram*: “*Quebrando Tabu*”, “*Odara Instituto da Mulher Negra*” e “*A Ponte Para Pretxs!*”, entre outras (Simone Campos Paulino; Sílvia Campos Paulino, 2019). Dentre essas citadas, a página “*Quebrando o Tabu*” possui cerca de 7,9 milhões de seguidores - enquanto o maior influenciador *RedPill* no Brasil tem 365 mil seguidores - e 14,2 mil publicações, que adotam temas interseccionais, como o local das mulheres negras no cinema, ataque aos direitos indígenas, divulgação da literatura afro-brasileira, assédio, etc (*Instagram*:@quebrandootabu, 2023). Nesse sentido, após as análises envolvidas neste estudo, foi possível perceber que tais manifestações públicas do movimento feminista são de extrema importância para combater o machismo emergente, pois permitem a união de diversas mulheres que, apesar de estarem em contextos diversos, são todas atravessadas pelo patriarcado (mesmo que de formas diferentes). Dito isso, dentre os diversos pontos positivos que essa união pública e em setores variados traz no combate aos movimentos machistas, cabe aqui trazer três principais: 1-) demonstra, em números, que a resistência é muito maior, tirando o véu que muitos homens desses movimentos tem de que o feminismo está perdendo força ou que as mulheres com o tempo se arrependem de serem feministas; 2-) age diretamente nos mesmos setores que os movimentos machistas, não deixando que eles sejam os únicos representantes naqueles locais (*twitter*, *instagram*, cinema, cargos políticos, etc); e 3-) alcança também os homens desses espaços, permitindo que eles tenham contato com perspectivas que talvez nunca tenham tido antes, e diminuindo as chances de caírem nas falácias dos movimentos machistas.

Não obstante, para ajudar na resistência, existem também páginas de homens, focadas principalmente na transformação saudável masculina, como a página “*Papo de Homem*” no *Instagram*. Nesse espaço, são discutidos assuntos como: “qual a responsabilidade dos homens no enfrentamento das violências contra meninas e mulheres?”, “Dia da consciência negra”, “O que existe de masculino que não é tóxico?”, entre outros temas, que, em grande parte das vezes, são abordados de forma interseccional. Outrossim, os responsáveis pela página também escrevem livros, pesquisas, documentários e ministram palestras. Nesse caso, o ataque a hegemonia é feito de forma indireta, sem necessariamente citar os grupos misóginos ou seus representantes. Isso é demonstrado, por exemplo, no post “*Dançar é Coisa de Homem (?)*”, onde o autor traz a ideia de que dançar é expressão, sensibilidade, autoconhecimento, aspectos que são normalmente negligenciados pelo machismo (*Instagram*: @papodehomem, 2023). Assim, de forma indireta com esse e outros posts, o autor está criticando o movimento *RedPill* e demonstrando novas possibilidades de agir que os homens podem adotar.

Um outro exemplo é a página “*Masculinidade.Saudável*” (*Instagram*: @masculinidade.saudável), administrada por Fabio Manzoli, homem branco, heterossexual, palestrante e participante de projetos com adolescentes e mentorias para homens. Na página há debate sobre diversos temas relacionados a masculinidade alternativa, expressão de sentimentos pelo lado dos homens, saúde mental, malefícios da pornografia, dinâmicas LGBTQIAP+, entre outros assuntos com temas parecidos. Além disso, nesse caso, o autor da página tem uma sequência de vídeos chamados “*decifrando o RedPill*”, onde ele responde diretamente a influenciadores do grupo, criticando posicionamentos dados por eles e demonstrando caminhos diferentes a serem seguidos

pelos homens. Um exemplo disso foi um vídeo resposta a opinião de um dos representantes do movimento; o tal representante fez um vídeo respondendo à pergunta de um seguidor que dizia “como saber se a mulher gozou?” No qual o *RedPill* representava que ele não se importava se ela tinha chegado ao orgasmo, se ela tinha fingido ou não, pois não era uma preocupação para ele. Nesse caso, o autor da página *Masculinidade Saudável* responde que é normal e saudável conversar com a parceira sobre o prazer dela, que é só fazer de uma forma respeitosa e tranquila que com o tempo ele vai aprender o que ela gosta. Além disso, Fabio Manzoli também acentua o nítido desprezo, desgosto e ódio que o representante do grupo *RedPill* aparenta ter pelas mulheres.

Nesse sentido, movimentos contra hegemônicos, sejam feministas ou de masculinidades alternativas, que ataquem diretamente ou indiretamente a misoginia, são de extrema importância para se contrapor a violência criada pela masculinidade hegemônica. Isso porque esses movimentos pontuam diretamente onde estão as práticas machistas que muitas vezes passam despercebidos e apontam outras possibilidades de ser mulher ou homem no mundo, o que por isso só se caracteriza como uma prática contra hegemônica.

Considerações finais

O objetivo do presente artigo foi criticar as masculinidades hegemônicas e problematizar os discursos misóginos produzidos e disseminados pelo grupo *RedPill* através da análise do maior livro representante do movimento no Brasil, assim como o perfil do seu escritor na plataforma *Instagram*.

Dessa forma, tendo em vista as análises e críticas feitas, foi possível entender melhor o posicionamento do grupo perante as mulheres e homens não pertencentes ao grupo. Nesse sentido, observou-se que o grupo *RedPill* declara abertamente sua oposição a formas de feminilidades contemporâneas e o apoio a feminilidades conservadoras. Dito de forma mais específica, mulheres que desejam ter carreiras fora de casa, não se casar, ter liberdade sexual, não ter filhos, usar as roupas que quiserem, entre outras práticas que envolvem a liberdade individual (ou seja, práticas que ameaçam o poder dos homens sob o corpo das mulheres) são julgadas como infelizes, superficiais e indignas de um “bom homem”. Pelo contrário, as mulheres submissas, conservadoras, donas de casa, entre outras práticas que envolvam submeter a própria vida a um homem, são vistas como mulheres dignas, felizes e não corrompidas pelo feminismo.

Outrossim, sobre o posicionamento em relação a outros homens que não compõe o grupo, percebeu-se que os *RedPill* rechaçam homens que demonstram seus sentimentos, que respeitam a liberdade da mulher, que não tem o desejo de serem provedores de casa, entre outros comportamentos “não conservadores”. Além disso, para eles, existe uma única forma correta de ser homem, ou seja, uma única forma “correta” de enxergar e agir nas relações de gênero. Essa maneira de ser é considerada natural, biologicamente determinada e imutável, enquanto todas as outras formas são ilegítimas e, nos dias atuais, corrompidas pelo feminismo.

Entretanto, ao longo da pesquisa foi possível perceber que, apesar de o movimento *RedPill* ser crescente e fomentar diversas violências contra as mulheres, especialmente no âmbito *online*, os movimentos de *ciberfeministas* são diversos e infinitamente maiores, servindo como uma resistência direta a masculinidades hegemônicas negativas. Nesse sentido, faz-se necessário que, cada vez mais, sejam desenvolvidos estudos e trabalhos que aumentem a força do *ciberativismo* feminista, para anular o crescimento dos movimentos machistas e fortalecer a democracia no Brasil.

Dessa maneira, tendo em vista o exposto, recomenda-se novas pesquisas sobre os movimentos masculinos hegemônicos emergentes sejam feitas, visando compreender o atual estado dos movimentos e como eles se disseminam. No entanto, ressalta-se que é ainda muito mais importante que novos estudos sobre os movimentos contra hegemônicos (feminismos e masculinidades alternativas) sejam publicados, pois quanto mais voz tiverem e disseminados forem, mais fraca as masculinidades hegemônicas violentas e misóginas perderão sua força.

Não obstante, seria interessante que fossem pensadas maneiras práticas de incrementar assuntos como os feminismos e masculinidades alternativas nos diversos setores da sociedade,

em especial na educação de crianças e adolescentes, pois quanto mais cedo tiverem contato com essa visão de mundo, mais fácil será de diminuir os efeitos do machismo logo na raiz. Assim, dentre as diversas possibilidades, sugere-se aqui também que, especialmente, sejam dadas formações completas e gratuitas sobre o assunto para professores de ensino básico, para que esse conhecimento reverbere em suas práticas de ensino desde o início da vida estudantil dos alunos. Outrossim, agora saindo do campo apenas do campo infantil e juvenil, seria importante que locais focados na saúde pública como CAPS, CAPSad e CAPSi, por exemplo, tenham profissionais bem formados no tema e adotem rodas de conversas e/ou outros espaços para discutirem as temáticas referidas neste artigo.

Referências

BRAUN, Virginia; CLARKE, Victoria. Using thematic analysis in psychology. **Qualitative Research in Psychology**, 3. (2), p. 77-101, 21 jul. 2008. DOI 10.1191/1478088706qp063oa. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/loi/uqrp20>. Acesso em: 2 nov. 2023

BULJAKA, Eva; RICH, Ben; BENDER, Stuart. The Manosphere as an Online Protection Racket: How the Red Pill Monetizes Male Need for Security in Modern Society. **Fast Capitalism**, (1). 19, p. 1-16, 2022. DOI 10.32855/fcapital.202201.001. Disponível em: <https://espace.curtin.edu.au/handle/20.500.11937/89661>. Acesso em: 29 nov. 2023.

CHAVEIRO, Maylla Monnik Rodrigues de Sousa. Interseccionalidade e sua pluralidade conceitual: Um quadro comparativo entre autoras. **Revista Desenvolvimento Social**, [S. l.], v. 29, n. 2, p. 58–77, 2023. DOI: 10.46551/issn2179-6807v29n2p58-77. Disponível em: <https://www.periodicos.unimontes.br/index.php/rds/article/view/7121>. Acesso em: 24 abr. 2024.

CRENSHAW, Kimberlé Williams. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Revista Estudos Feministas**, v. 10, n. 1, p. 171-188, jan. 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/mbTpP4SFXPnJZ397j8fSBQQ/?lang=pt>. Acesso em: 15 dez. 2023.

CRENSHAW, Kimberlé Williams. Demarginalizing the intersection of race and sex; a black feminist critique of discrimination doctrine, feminist theory and antiracist politics. **University of Chicago Legal Forum**, Chicago, p. 139-167, 1989.

CONNELL, Robert W.; MESSERSCHMIDT, James W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Revista Estudos Feministas**, v. 21, n. 01, p. 241-282, 2013. DOI 10.1590/S0104-026X2013000100014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/cPBKdXV63LVw75GrVvH39NC/?lang=pt>. Acesso em: 10 out. 2023

COUSINEAU, Luc S. Displaced discussion: The implications of reddit quarantine and the movement of *TheRedPill* to self-hosting. **AoIR Selected Papers of Internet Research**, [S. l.], v. 21, p. 27-31, 5 out. 2020. DOI 10.5210/spir.v2020i0.11195. Disponível em: <https://spir.aoir.org/ojs/index.php/spir/article/view/11195>. Acesso em: 28 nov. 2023.

DATA SENADO. Violência doméstica e familiar contra a mulher. **Secretaria de transparência**. Novembro, 2023. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/institucional/datasetenado/publicacaodatasetenado?id=pesquisa-nacional-de-violencia-contra-a-mulher-datasetenado-2023>. Acesso em: 18 out. 2023

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe** Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016.

DE JESUS, Lorena Rodrigues; SOBRAL, Rita de Cássia Cronemberg. Culpabilização da mulher: a perspectiva de policiais de uma delegacia especializada no atendimento à mulher. **Revista Ártemis**, v. 23, n. 1, 2017. DOI 10.22478/ufpb.1807-8214.2017v23n1.35799. Disponível em: <https://www.proquest.com/openview/63bd40daf48c70a1e2caea103764639f/1?pq-origsite=gscholar&cbl=4708196>. Acesso em: 10 out. 2023

DESLANDES, S. F. Digital activism and its contribution to political decentralization. **Ciência e Saúde Coletiva**, v. 23, n. 10, p. 3133–3136, 1 out. 2018. DOI 10.1590/1413-812320182310.21122018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/qmYg4yygsjgWwmQ8MvHVM5N/?lang=en&format=html> Acesso em: 15 out. 2023

ESPERIDÃO, Maria; PAIXÃO, Mayara. Abraji faz levantamento sobre violência a mulheres jornalistas. **Abraji**, 2020. Disponível em: <https://abraji.org.br/noticias/abraji-faz-levantamento-sobre-violencia-a-mulheres-jornalistas>. Acesso em 22 abr. 2024

FEDERICI, S. (2023). **Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva**. Editora Elefante.

GING, Debbie; SIAPERA, Eugenia. Special issue on online misogyny. **Feminist media studies**, v. 18, n. 4, p. 515-524, 2018. DOI 10.1080/14680777.2018.1447345. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/14680777.2018.1447345>. Acesso em: 2 out. 2023

GING, Debbie. Alphas, betas, and incels: Theorizing the masculinities of the manosphere. **Men and masculinities**, v. 22, n. 4, p. 638-657, 2019. DOI 10.1177/1097184X17706401. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/1097184X17706401>. Acesso em: 5 out. 2023

LAWSON, Caitlin E. Platform vulnerabilities: harassment and misogyny in the digital attack on Leslie Jones. **Information, Communication & Society**, v. 21, n. 6, p. 818-833, 2018. DOI 10.1080/1369118X.2018.1437203. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/1369118X.2018.1437203>. Acesso em: 20 nov. 2023

RAMOS, Daniela O. Origens da misoginia online e violência digital contra jornalistas mulheres. **Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo**, [S. l.], nov. 2020. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/003023692>. Acesso em: 20 abr. 2024

ROSSI, Amanda; CARNEIRO, Julia Dias; GRAGNANI, Juliana. #EleNão: A manifestação histórica liderada por mulheres no Brasil vista por quatro ângulos. **BBC News Brasil**, [S. l.], set. 2018. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-45700013>. Acesso em: 15 nov. 2023.

HELDMAN, Caroline. Sexual objectification (part 1): What is it. **The Society Pages**, v. 2, 2012. Disponível em: <https://thesocietypages.org/socimages/2012/07/02/sexual-objectification-part-1-what-is-it/>. Acesso em: 15 out. 2023

MARTINEZ, Fabiana. Feminismos em movimento no ciberespaço. **cadernos pagu**, 2019. DOI 10.1590/18094449201900560012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/kb7C5tVWZP7nppBDSQjNqTm/?lang=pt>. Acesso em: 21 dez. 2023

MURARO, Rose Marie. Breve introdução histórica. **KRAEMER, Heinrich; SPRENGE, James. O martelo das feiticeiras**. Tradução de Paulo Fróes, v. 17, 1991

PAULINO, Simone Campos; PAULINO, Silvia Campos. # ELENÃO: reflexões sobre ciberativismo feminista no Brasil nas eleições presidenciais de 2018. **Revista Magistro**, v. 1, n. 19, 2019. Disponível em: <https://publicacoes.unigranrio.edu.br/index.php/magistro/article/view/5528>. Acesso em: 12 nov. 2023

ROCHA, Paula Jung; MONTARDO, Sandra Portella. Netnografia: incursões metodológicas na cibercultura. In: **E-compós**. 2005. DOI 10.30962/ec.55. Disponível em: <https://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/55>. Acesso em: 2 nov. 2023

SAFFIOTI, Heleieth. Gênero, Patriarcado, Violência. **São Paulo: Expressão Popular e Fundação Perseu Abramo**, Segunda Edição. Google Scholar, 2015.

SCOTT, Joan Wallach; LOURO, Guacira Lopes; SILVA, Tomaz Tadeu da. Gênero: uma categoria útil de análise histórica de Joan Scott. **Educação & realidade**. Porto Alegre. Vol. 20, n. 2 (jul./dez. 1995), p. 71-99, 1995. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/257862>. Acesso em: 15 set. 2023

SOARES, Samara Sousa Diniz; STENGEL, Márcia. Netnografia e a pesquisa científica na internet. **Psicologia USP**, v. 32, 2021. DOI 10.1590/0103-6564e200066. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psup/a/W5cDdNM99Bk9btBs6ffx45G/>. Acesso em: 2 out. 2023

SCHUTZ, Tiago. Pílulas de Realidade. 2°. ed. **Wireplex Editora**. Rio de Janeiro, 2022. Disponível em: <https://thiagoschutz.com/livros/pilulas-de-realidade/>. Acesso em: 5 de set. 2023

VALLERGA, Michael; ZURBRIGGEN, Eileen L. Hegemonic masculinities in the ‘Manosphere’: A thematic analysis of beliefs about men and women on The Red Pill and Incel. **Analyses of Social Issues and Public Policy**, v. 22, n. 2, p. 602-625, 2022. DOI 10.1111/asap.12308. Disponível em: <https://spssi.onlinelibrary.wiley.com/doi/full/10.1111/asap.12308>. Acesso em: 5 out. 2023

ZAPCIC, Ian; FABBRI, Megan; KARANDIKAR, Sharvari. ‘How Can I Love You if You Don’t Let Me Do this?’Evaluating the Effects of the Red Pill Seduction Community Experienced by Intimate Partners. **Journal of Aggression, Maltreatment & Trauma**, p. 1-18, 2023. DOI 10.1080/10926771.2023.2186302. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/10926771.2023.2186302>. Acesso em: 8 out. 2023

Recebido em 25 de janeiro de 2024.
Aceito em 21 de março de 2024.